



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PROPOSTA DE LEITURA DISCURSIVA FOCADA NO SUJEITO PROFESSOR: RELATO DE UMA INTERVENÇÃO DIDÁTICA NA ESCOLA NORMAL

Elaine da Silva Reis

Universidade Federal da Paraíba - elainereis1406@gmail.com

Resumo: A Escola Normal é responsável pela formação de estudantes que estão ocupando, além da posição de aluno, o lugar de um futuro professor, já que estão em processo de formação docente. Logo, o ensino da língua materna e, conseqüentemente, o trabalho com a leitura em sala de aula estará também sob a incumbência desses alunos. Por isso, necessitam compreender que os textos, enquanto materialidades discursivas, são perpassados por diversas formações ideológicas e discursivas, que precisam ser questionados. Acreditamos que esses questionamentos surgem a partir da vivência de práticas significativas com a leitura, de modo que os alunos possam se posicionar criticamente sobre a realidade que os cerca e, especialmente, sobre o papel do professor. Pensando nisso, através da pesquisa ação, colocou-se em prática uma proposta de intervenção didática, tomando como base a leitura em uma perspectiva discursiva de gêneros textuais com foco na constituição do sujeito professor em uma turma de do 3º ano da Escola Normal, de Campina Grande-PB, formada exclusivamente por mulheres. Logo, através dessa proposta de leitura discursiva, buscou-se interrogar as maneiras de ler das normalistas, tratando o lugar do sujeito leitor como problema. Esse estudo possibilitou levar as normalistas a refletirem sobre o contexto sócio-histórico e ideológico e as “leituras únicas” que são apresentadas nos gêneros textuais, de modo a fortalecer determinados discursos que contribuem para a imposição de determinadas imagens depreciativas sobre o sujeito professor na sociedade. Sendo assim, embora realizado em um curto período de tempo, acreditamos que esse trabalho tenha despertado as normalistas para outras formas de ler os gêneros discursivos, sobretudo, no que diz respeito à constituição do sujeito professor.

Palavras-chave: Escola Normal, Intervenção didática, Leitura discursiva.

Introdução

Ao longo dos anos, diversos estudos apontavam para a problemática do contexto reducionista que ainda norteia o ensino de língua materna na Educação Básica. Em todos os níveis do Ensino formal ainda há uma insistência na manutenção de uma prática pedagógica que reduz o trabalho com a língua a mera reprodução ou decodificação de palavras ou frases descontextualizadas. Isso compromete as atividades de escrita e de leitura, tornando-as totalmente distante do contexto sócio-histórico e cultural no qual os alunos estão inseridos.

Essa prática atinge também as escolas de Ensino Médio responsável pela formação de professores para atuar nos anos iniciais, como a Escola Normal, já que, no caso da língua portuguesa, segue as diretrizes voltadas para o ensino regular. Porém, não se pode perder de vista que, se o trabalho com a língua não for significativo para os alunos que estão em



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

formação, não prejudicará só aos mesmos, mas também seus futuros alunos.

Por isso, para que haja mudanças significativas no ensino da língua portuguesa e, especificamente no trabalho com a leitura, é preciso rever a concepção de língua e de linguagem que o norteia, a fim de fazer com que o trabalho com a leitura desafie os alunos a atentarem não apenas para a materialidade linguística, mas também para os sentidos que podem ser construídos a partir dela. Para tanto, faz-se necessário que as atividades de leitura levem os alunos a se posicionarem criticamente.

Diante disso, pensou-se na relevância de desenvolver com alunos do Magistério da Escola Normal atividades de leitura que contemplassem a observação da imagem do professor que os gêneros discursivos vêm disseminando, por serem textos que apresentam dizeres aparentemente naturais, mas que estão atravessados por discursos que acabam influenciando e auxiliando na modificação de opiniões e de posicionamentos. Sendo assim, os textos, enquanto materialidade discursiva, precisam ser lidos como um produto sócio-histórico e ideológico que se concretiza com a história e com a memória.

Nesse contexto, o desenvolvimento dessa pesquisa se justifica como uma ação que busca contribuir para com o “aprender a ler o real sob a superfície opaca, ambígua e plural do texto” (COURTINE, 2006, p.19), possibilitando uma leitura menos ingênua frente aos textos que circulam na sociedade. Além disso, ressalta a importância de conceber a leitura como uma atividade política que requer de seus praticantes as habilidades de “desconstruir leituras anteriores para que novas e inovadoras surjam no horizonte, reconstruir desafios sob o signo da dúvida e da incerteza, sobretudo, superar-se como leitor e autor sempre” (DEMO, 2007, p. 56). Em suma, este estudo contribui para a possibilidade de ler os preconceitos que perpetuam à intolerância frente ao sujeito professor.

Acredita-se que, além de outros meios, a prática de leituras discursivas pode funcionar para o professor como uma forma de oportunizar os estudantes a compreenderem, de forma sistematizada, os processos de significação que constituem o texto como processo sócio-histórico e ideológico, através de seus mecanismos linguístico- discursivos.

Para a realização dessa pesquisa, tomou-se como foco uma turma de 3º ano do Ensino Médio, pois, por se tratar de um grupo que está concluindo a Educação Básica, espera-se um domínio maior no que diz respeito aos conteúdos adquiridos no decorrer da escolaridade e, particularmente, em relação à habilidade de leitura.

Além disso, pensando na possibilidade de um alcance maior em relação aos resultados da intervenção da pesquisa, este estudo teve como campo de atuação a Escola

Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, por ser



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

uma instituição responsável pela formação de professores para atuarem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Assim, este trabalho tem como objetivo refletir sobre a experiência de intervenção de leitura discursiva junto a uma turma de 3º ano da Escola Normal da cidade de Campina Grande-PB.

A escolha destes sujeitos justifica-se pelo fato de se tratar de estudantes que estão ocupando, além da posição de aluno, o lugar de um futuro professor, já que estão em processo de formação docente, no penúltimo ano de curso. Sendo assim, serão responsáveis também pelo ensino da língua materna e, conseqüentemente, pelo trabalho com a leitura em sala de aula, conforme se discute a seguir.

Formação de professores do magistério pela Escola Normal

De acordo com o Artigo 61 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (2010), consideram-se profissionais da educação escolar básica os professores habilitados em nível médio ou superior para a docência em educação infantil e nos ensinos fundamental e médio. No Artigo seguinte, destaca-se que a formação mínima exigida para que os docentes atuem na educação básica para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental é a oferecida em nível médio, na modalidade Normal.

Este último Artigo da LDB garante aos alunos das Escolas Normais, em todo o território brasileiro, o direito de trabalharem como professores “polivalentes” nas escolas da rede privada de ensino e, inclusive, de se candidatarem a cargos públicos para professores da educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental.

A Escola Normal Estadual Padre Emídio Viana Correia, na qual a pesquisa foi desenvolvida, está situada na Av. Severino Bezerra Cabral S/N, bairro do Catolé, na cidade de Campina Grande-PB. Reconhecida e autorizada para funcionamento a partir de 10 de Maio de 1960, a escola ficou responsável pela formação docente de alunos no ensino médio e continua sendo a única com essa competência na referida cidade.

De acordo com seu projeto político pedagógico (PPP), a instituição orienta-se pela concepção de sociedade pautada na diversidade cultural e estabelece como objetivo maior promover ações integradas que resultem na formação de profissionais capacitados para exercer a cidadania.

O PPP dessa escola evidencia que o perfil do professor a ser formado no Curso Normal com habilidade para educação infantil, educação de jovens e adultos e das séries iniciais do ensino fundamental, deverá demonstrar, entre



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

outras competências, a capacidade para desenvolver trabalhos com a leitura e construir conhecimentos e valores que interajam com a realidade social.

Essas atribuições provocaram o interesse de intervir de modo que os alunos da Escola Normal tivessem um novo olhar sobre os múltiplos processos imbricados no ato da leitura. Desse modo, este estudo buscou auxiliar as normalistas a realizarem leituras mais críticas diante dos gêneros discursivos e, possivelmente, a desenvolverem um trabalho de leitura discursiva junto aos seus alunos nas salas de aula.

Além disso, trabalhar com textos que focam a imagem do sujeito professor, a partir de uma perspectiva sócio-histórica e ideológica, constitui-se como um modo de contribuir, embora num curto espaço de tempo, para outras possibilidades de leitura e reflexão sobre a constituição do sujeito professor na sociedade.

É importante, ainda, destacar o fato das Escolas Normais serem conhecidas tradicionalmente por atenderem estudantes do sexo feminino, já que são responsáveis por cursos de formação para o curso magistério que historicamente está atrelado à figura feminina.

A leitura na perspectiva discursiva

A Análise do Discurso (AD) de linha francesa constitui-se como uma prática política de leitura que concebe a língua como um instrumento de conflito, de confronto ideológico, como um espaço no qual se produzem formas de representação, ideias e valores de uma sociedade.

A AD se propõe, por meio da articulação entre o linguístico e o histórico, a compreender como os textos se constroem para dizer o que dizem, a partir do estabelecimento dos sentidos possíveis, de acordo com determinada(s) formação(ões) discursiva(s), a fim de ensinar o povo “a ler sua opressão nos próprios textos que, ao mesmo tempo, a exprimem e a mascaram” (COURTINE, 2006, p.53).

Para tanto, leva em consideração que os sentidos serão sempre mediados pelas condições de produção do texto, tendo em vista que, segundo essa teoria, os sentidos de um texto não estão pré-estabelecidos, mas se constroem na essência de determinadas condições de produção, na relação entre o interdiscurso (memória discursiva) e o intradiscurso (fio discursivo).

Nessa perspectiva, o texto é visto como um processo produtor de vários sentidos e diferentes (não quaisquer) leituras que se relacionam



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

dialógica e interdiscursivamente com outros textos filiados à memória. De acordo com Gregolin (2003, p.47) “a parição de um texto só se completa quando um leitor o insere na ordem da história, deslocando-o do lugar onde jaz reclamando sentidos”.

Logo, para se completar, além da condição de produção que se estabelece a partir da formulação textual (intradiscurso) e da memória do dizer (interdiscurso), o texto necessita do sujeito autor e do sujeito leitor, tendo em vista que ambos ocupam uma dada posição histórico-social.

Embora tendo um papel significativo frente à produção de sentido, faz-se necessário destacar que os sujeitos não podem fazer qualquer leitura, já que os sentidos não pertencem ao leitor, nem estão abrigados no texto, mas podem ser recuperados através das marcas presentes na superfície textual. Assim sendo, o leitor fará as leituras possíveis conforme as condições de produção.

Porém, apesar de os sentidos partirem da materialidade discursiva, alguns podem ser resgatados e outros não, dependendo da formação ideológica e discursiva nas quais o texto e o leitor estiverem inscritos, assim, tanto o leitor quanto o texto são responsáveis pela produção de sentidos.

Nessa perspectiva, Sírio Possenti (2001, p. 28) afirma que a “AD não acredita que haja sujeitos individuais que leiam como querem, mas sim que há grupos de sujeitos (situados em determinada posição) que lêem como lêem porque têm a história que têm”.

Diante disso, como já foi dito, compreende-se que o leitor não é totalmente livre para ler o que quiser em um texto, mas o que puder, devido ao condicionamento sócio-histórico e ideológico. Como materialidade discursiva, o texto está relacionado às condições de produção, às formações ideológicas e aos gêneros do discurso. Nas palavras de Orlandi (2007, p. 32), “o dizer não é uma propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua”.

Essa condição de incompletude tanto do texto quanto do sujeito leitor aponta para a possibilidade de existir sempre outras leituras e outros dizeres, fazendo com que não haja leitura nem leitores ideais capazes de esgotar os sentidos do texto, mas leituras possíveis mobilizadas de acordo com uma determinada conjuntura sócio-histórica e ideológica.

Nessa perspectiva, a produção de sentidos dos textos se dá a partir de discursos que alicerçam dadas vontades de verdade e relações de poder, marcando diferentemente a imagem e os papéis a serem ocupados pelos sujeitos na sociedade, a exemplo do sujeito professor.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Relato da experiência de intervenção didática, a partir de leituras discursivas

A intervenção didática se deu a partir da leitura de três textos que tratam da imagem do sujeito professor. A escolha desses textos visou problematizar os discursos e os estereótipos que marcam a identidade do sujeito professor sócio-historicamente nessas materialidades linguísticas para que, com base nas discussões suscitadas, as alunas passassem a refletir sobre a imagem desse sujeito, tendo em vista que estão inseridas em um curso de magistério.

Através dessa proposta de leitura discursiva se buscou, seguindo as ideias de Courtine (2006, p. 27), interrogar as maneiras de ler das normalistas, tratando o lugar do sujeito leitor como problema. Para analisar discursivamente, “é preciso encontrar textos que incomodem” (COURTINE, 2006, p. 27). Para tanto, a pesquisadora lançou mão dos seguintes gêneros discursivos: uma charge, um artigo de opinião e um conto, que regularizam discursos que sedimentam estereótipos que constituem a identidade do sujeito professor, conforme se pode observar na charge, apresentada a seguir, e em alguns fragmentos dos outros textos:

Ex. 1



Fonte: <http://diariodoprofessor.com/2012/08/13/visoes-cruéis-dos-professores-que-nao-ajudam-em-nada-a-melhorar-educacao/> Acesso em: 10 de Setembro de 2011.

Ex.2

“A formiga da história aprendera a caminhar no carreiro em circuito fechado. Não ousava caminhar em sentido contrário, como fazem os professores que mudam suas práticas, desafiando os imobilistas” (PACHECO, 2007, p. 22).

Ex.3

Alice sempre quis ser professora quando crescer. O pai de Alice duvida. Acha que com o tempo a filha acaba mudando de idéia, se Deus quiser [...] recentemente, Alice teve de aprender a conjugação e os tempos dos verbos auxiliares. Os verbos auxiliares deveriam auxiliar, mas



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

acabam atrapalhando a cabecinha das meninas do tamanho de Alice
(DIAFÉRIA, 2003, p.?)

Nos três textos perpassa o discurso que dissemina a imagem do professor como um sujeito arcaico, que caminha longe das transformações ocorridas na sociedade.

As representações dos textos remetem para o discurso de que o maior objetivo da escola e, conseqüentemente, do professor é fazer com que o aluno tenha seu pensamento controlado para pensar sempre conforme os outros querem que pense. A escola seria então responsável pela interdição da criatividade, do pensar autônomo do aluno.

Esses textos possibilitaram às normalistas a reflexão sobre a representação do sujeito professor nos referidos gêneros discursivos. Tal escolha é relevante, tendo em vista que as alunas estão em um curso de formação para se tornarem professoras. Nesse momento, solicitou-se que as alunas destacassem o tema abordado nos textos e identificassem as identidades dos sujeitos, representados através dos personagens.

Em seguida, a pesquisadora pediu que as alunas atentassem para as críticas feitas em cada um desses gêneros em relação ao ensino, à instituição escolar e, especialmente, ao sujeito professor e se posicionassem, mostrando se concordavam com as críticas que eram apresentadas e justificassem.

Dando prosseguimento, instigou-se as alunas a observarem as falas das personagens e as imagens apresentadas em relação ao sujeito professor, relacionando aos dizeres que historicamente marcam a identidade desse sujeito na sociedade. Logo após, perguntava-se as normalistas se concordavam com as falas das personagens e com as imagens apresentadas, pedindo que justificassem.

A partir dessas indagações, a discussão foi se instaurando, de modo que a pesquisadora passou a chamar a atenção das alunas para os discursos que perpassam o dito e o não-dito, de modo que percebessem que os sentidos de um texto se constroem na relação com outros textos, através da repetição de determinadas vontades de verdade e estereótipos que marcam a identidade dos sujeitos na sociedade.

A pesquisadora passou a refletir com a turma, pensando o contexto sócio-histórico e ideológico, sobre as “leituras únicas”¹ que estavam sendo apresentadas nos textos lidos, de modo a fortalecer alguns discursos que contribuem para a imposição de determinadas imagens depreciativas sobre esse sujeito na sociedade.

¹Essa expressão está relacionada à palestra da escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie que trata do perigo da história única, em referência à construção do estereótipo de pessoas e/ou lugares, numa perspectiva de construção cultural e distorção de identidades.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Nesse contexto, passou-se a observar juntamente com as normalistas não apenas o que estava explícito, mas, sobretudo, os discursos que atravessam o dizer dos textos apresentados na ocasião, para que as alunas pudessem levar essas considerações para a leitura de outros gêneros discursivos.

Considerações finais

O desenvolvimento dessa pesquisa, de modo geral, possibilitou a constatação de que o texto, enquanto materialidade discursiva, é perpassado por diversas formações ideológicas e discursivas. Essas formações permitem a produção de diferentes leituras que se relacionam interdiscursivamente com outros textos filiados à memória que perpassa o imaginário social. Isso faz com que determinados dizeres, articulados com outros, dialoguem em outros espaços da vida social, deslocando sentidos cristalizados na memória discursiva dos sujeitos.

Acredita-se que esse trabalho com a leitura discursiva, embora realizado em um curto período de tempo, tenha despertado as normalistas para outras formas de ler os gêneros discursivos, sobretudo, no que diz respeito à constituição do sujeito professor, de modo que passem a atentar mais para a construção de imagens e papéis atribuídos ao professor na sociedade e, conseqüentemente, apresentem posturas mais críticas sobre os textos que circulam no meio social, contribuindo, assim, para a desconstrução de leituras únicas em relação ao sujeito professor.

Referências Bibliográficas

COURTINE, J. *Metamorfoses do discurso político: derivas da fala pública*. São Paulo: Claraluz, 2006.

DEMO, P. *Leitores para sempre*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.

DIAFÉRIA, Lourenço. Rodomilhos lilases. In.: *O imitador de gato e outras crônicas*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 2003. (Coleção: Para gostar de ler).

GREGOLIN, M. R. Sentido, sujeito e memória: com o que sonha nossa vã autoria? In.: GREGOLIN, M. R. e BARONAS, R. (Org.) *Análise do Discurso: as materialidades do sentido*. 2 ed. São Carlos: Claraluz, 2003. P. 47-58.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO (LDB). 5 ed. Brasília: Câmara dos deputados, 2010.

ORLANDI, E. P. *Análise de Discurso: Princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PACHECO, José. A formiga: Quando o ruído se instala na comunicação e os professores disso não se apercebem, os equívocos acontecem. In: *Entre Margens*, Junho 2007, p.22.

POSSENTI, S. Sobre a leitura: o que diz a Análise do Discurso? In: MARINHO, M. (org.). *Ler e navegar; espaços e percursos da leitura*. São Paulo: Mercado das Letras, 2001.